

NASCIMENTO; Carla Beatriz Alexandre Alberto ¹

RESUMO

A função simbólico-educativa do mito trágico:
um olhar sobre a narrativa ovidiana de Dédalos e Ícaro

Carla Beatriz Alexandre Alberto Nascimento

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o mito trágico de Dédalos e Ícaro presente nas *Metamorfoses* de Ovídio, focando na construção da narrativa mítica a partir do conceito grego de *hybris*. Com isso, a pesquisa propõe que o mito atua como um discurso simbólico-educativo, cujos significados são inesgotáveis. Essas proposições são baseadas na observação da capacidade didática da ação trágica que, em sua essência simbólica, educa o ser humano. Para fundamentar essa pesquisa, nossa revisão bibliográfica se apoia em um corpus teórico centrado nos estudos da mitologia.

Palavras-chave: mito trágico; simbólico-educativo; metamorfoses; Ovídio.

INTRODUÇÃO

A busca pela *alétheia* era uma característica natural da sociedade, da religião e da antiga poesia grega. Desde os primórdios, o homem se deslocou por dois caminhos em busca da verdade: pela via da imaginação simbólica (*mythos*) e/ou pela investigação empírica dos fenômenos (*logos*). Na necessidade de explicar a misteriosa realidade que os circundava, os antigos gregos buscavam tornar o mundo compreensível para si. Foi dessa forma que se concebeu, a princípio, uma ferramenta capaz de dissipar os mistérios da existência: o mito.

O valor do exemplo permite que o mito tenha um significado e uma relevância duradouros, indo além de explicações para se tornar fontes de inspiração e transformação pessoal. Ao observar a construção do mito trágico, objeto de nossa reflexão, percebe-se que a ação trágica, desenvolvida na narrativa mítica, demonstra um caráter pedagógico, uma vez que os heróis trágicos se caracterizam por serem tomados pela *hybris*, isto é, pelo descontrole e imoderação nas suas ações, sendo posteriormente sucumbido pela justiça dos deuses, o que torna essa espécie de herói um arquétipo de conduta do que deve ser evitado.

Para tanto partindo do que foi discutido previamente, propomos, com este estudo, endossar a discussão sobre a função do mito trágico e sua essência simbólico-educativa, uma vez que se trata de um discurso que atravessa o tempo e ressoa sua relevância em toda as épocas. Nossa análise se pautará através do exemplo do mito de Dédalos e Ícaro, escrito pelo poeta latino Ovídio (43 a.C- 17 d. C) em sua obra *Metamorfoses*. Tal mito traz à tona o conceito de desmedida (*hybris*), o qual é caracterizado por retratar o atributo de descomedimento, como uma espécie de presunção a qual leva o personagem mitológico à perdição. Dessa forma, trataremos da figura das figuras de Dédalos e Ícaro enquanto arquétipos, sendo uma representação paradigmática da ação trágica.

¹ Universidade Federal da Paraíba, beatriz-g3@hotmail.com

Revisitar a educação na Grécia antiga é um processo que nos coloca diante de um ideal que ressoa sua significância de forma atemporal. O conceito de *paideia*, isto é, o ideal formativo grego, revela-se como um conceito de referência para a educação de excelência desse período. Essa compreensão nos sobrevém quando observamos a objetivação que fundamenta a educação *paideutica*, a qual enfatizava a formação do homem em seu aspecto integral: físico e mental, o que decerto preparava um ser humano ideal para atuar no mundo.

É em Homero e em seus grandes poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*, primeiramente, que há uma condução da narração da poesia para encantar o público grego com as narrativas que contavam os grandes feitos dos heróis. O ato de cantar a poesia tornava a assimilação do mito eficaz, inculcando a poesia mítica na memória coletiva de todo o povo.

A formação do homem, na tradição da antiguidade clássica greco-romana, está intimamente ligada ao ato de manifestar as virtudes (*areté*), uma vez que não bastava o homem ser abastecido por sua boa aptidão moral, mas era necessário praticá-la socialmente. A poesia homérica, nesse sentido, teve um papel importante ao induzir os cidadãos a incorporarem um modelo de comportamento por intermédio das boas qualidades existentes nos heróis mitológicos. A figura de Aquiles, a título de exemplificação, é apresentada na *Ilíada* como um arquétipo de melhor guerreiro, justamente por ser um detentor da *areté*, sendo um modelo fidedigno de intrepidez, bravura, destreza. Atributos estes, ideais para um cidadão da *pólis* possuir.

No entanto, levando em consideração o mito trágico, entendemos, similarmente, que o valor do exemplo na narrativa mitológica não se restringe unicamente aos grandes feitos do herói. O mito não se limitava a ser apenas um ideal formativo pelo bom exemplo, mas também era capaz de transmitir a condição humana, nas mais diversas experiências, como também nos conflitos existenciais. Além do herói, temos também uma espécie de anti-herói, ou melhor, um herói trágico, o qual está fadado aos excessos e às atitudes irracionais, levando-o a fazer escolhas que resultam num destino catastrófico. Assim, os mitos trágicos exprimem de forma explícita os excessos da vida humana e a jornada do homem entre o comportamento virtuoso e o descomedido, o que se configurará, muitas vezes, como um modelo daquilo que não deve ser seguido, e, portanto, como um ideal educativo.

A antiguidade clássica concebia a educação do homem não apenas pelo conhecimento de cunho estritamente intelectual, mas também através das artes, da ginástica, da filosofia etc. O indivíduo, portanto, era educado quando aperfeiçoava, não só o seu exterior, como igualmente o seu interior. Em vista disso, o mito carrega em sua natureza o valor do exemplo, que é essencial para a formação integral do homem. Sobre a importância pedagógica do exemplo, Jaeger (2013) afirma que: "Nos tempos primitivos, quando ainda não existia uma compilação de leis nem um pensamento ético sistematizado (...). Nada tinha, como guia de ação, eficácia igual à do exemplo" (JAEGER, 2013, p 57).

Pensar no conhecimento simbólico nos faz preceder a noção de um saber relacionado apenas à poesia ou a compreensão pueril da realidade.

Na obra *Imagens e Símbolos*, Mircea Eliade (1979) diz que "o pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva" (ELIADE, 1979, p.13). Com base nisso, entende-se que o conhecimento de natureza simbólica não é um saber supersticioso e ignorante do homem primitivo, antes, é um conhecimento que suscita representações imaginativas e carregadas de significado.

A capacidade simbólica é uma atividade naturalmente humana, segundo nos diz Ernst Cassirer (1977) em sua *Antropologia Filosófica*, o qual afirma que a ação de formar símbolos é uma marca exclusiva do homem, visto que existem múltiplas diferenças que tornam humanos e animais seres distintos, e uma delas, conforme Cassirer (1977), é a forma de agir no meio. Enquanto os animais são desprovidos de razão e agem instintivamente, o que torna a percepção deles da realidade uma relação de recepção e reação ao meio, os homens, além dessa relação, percebem a realidade por um prisma que os animais não têm: o símbolo. Segundo o autor,

o homem, por assim dizer, descobriu um novo método de adaptar-se ao meio. Entre o sistema receptor e o sistema de reação, que se encontram em todas as espécies animais, encontramos no homem um terceiro elo,

que podemos descrever como o sistema simbólico. Esta nova aquisição transforma toda a vida humana. Em confronto com os outros animais, o homem não vive apenas numa realidade mais vasta; vive, por assim dizer, numa nova dimensão da realidade (CASSIRER, 1977, p. 49).

Nesse sentido, entendemos que o pensamento simbólico faz parte do processo de construção do conhecimento humano, além disso, é uma maneira de situar-se e entender o mundo. O símbolo tem um papel importante na percepção que o ser humano tem da realidade, que já não “vive num universo puramente físico” (CASSIRER, p.50), mas que passa a conhecer por um conjunto de ideias relacionadas ao saber simbólico. Assim sendo, a construção do conhecimento é um processo entendido como histórico e cultural, tendo o símbolo como uma ferramenta fundamental nessa construção.

Com base nisso, é possível notar que a composição da narrativa mítica é dotada de significados simbólicos, dado que o mito é engendrado com base na necessidade de explicar a existência. Dentro desse processo de descoberta, há uma transmissão de valores, crenças e princípios que tornam o mito repleto de sentido. Por ser significativo, compreende-se a experiência de conhecimento mitológico como um processo de recepção e interpretação, uma vez que existem símbolos imbuídos na narrativa que suscitam a compreensão de quem o percebe. Nesse sentido, Paul Ricoeur (1978) afirma, na sua teoria hermenêutica, que o símbolo, portanto, leva à interpretação, porque ele “ diz mais do que não diz e porque nunca acabou de dar a dizer” (RICOEUR, 1978, p. 15, 28).

A narrativa mitológica, assim sendo, não se configura apenas como uma história ficcional e simplória, do contrário, o mito é carregado de sentidos profundos capazes de atuar nas estruturas psíquicas do ser humano. Cada elemento contido no mito: personagens, objetos, e os eventos, de modo geral, se condensam em verdade sob a estrutura de narrativa, o que leva o homem a compreender a realidade que o cerca através de uma incorporação simbólica.

ENTRE A HYBRIS E O MÉTRON: os voos de Ícaro e Dédalo

No mito trágico de Dédalo e Ícaro, encontramos-nos diante de uma sucessão de acontecimentos que levam os personagens a tomarem decisões diante do contexto em que elas estão inseridas. Tanto Dédalo quanto Ícaro são representações arquetípicas de comportamentos que se refletem universais na história da humanidade, contudo, existem diferenças que separam o destino de ambos os personagens, constatamos isso com base nas deliberações que estes fazem na narrativa, o que demonstra uma oposição de condutas e consequências. Enquanto Dédalo representa a maturidade e a justa medida, Ícaro representa a ambição e a impetuosidade

A figura do herói épico emergiu na Grécia Antiga como uma representação arquetípica idealizada, sobretudo, por expressar os atributos ideais de uma vida de excelência; esse herói era um detentor da *areté* fadado a um destino glorioso e memorável. Já o herói trágico, mais tarde, trará à luz uma nova ideia de homem, este, agora é um agente de sua própria vida, o que, por conseguinte, torna as suas escolhas o fator desencadeante principal de seu destino. O enredo trágico oferta, dessa maneira, um novo arco à trajetória do herói, apresentando como eixo atributos que estão muito próximas da natureza humana, o herói trágico é, assim, um retrato da condição do homem no mundo, o qual está fadado aos conflitos e inevitabilidades que a realidade impõe.

Assim sendo, enquanto o herói épico é um arquétipo do que deve ser seguido, sendo um retrato da virtude e do heroísmo, o qual alcança atributos que sobrepujam a condição de homem comum, o herói trágico é o modelo do que não se deve seguir, uma vez que seus atos miram para desventura resultante de seu próprio erro, levando-o ao declínio. Este herói é, portanto, um alerta sobre os perigos da arrogância, do excesso de confiança e da desobediência às leis divinas.

A narrativa mitológica ovidiana nos faz apontar, através da figura de Ícaro, para a importância da reverência a ordem universal do universo e os limites impostos por esta. Quando o personagem mitológico fere esta ordem, acontece uma transgressão ao equilíbrio do *cosmos*, produzindo um desajuste na ordem natural das coisas, o que resulta *a posteriori* na tragicidade. Ícaro representa essa transgressão quando decide ir além das restrições que lhe foram anteriormente determinadas, isso acontece quando o personagem alça o voo mais adiante do que se deve. Vejamos a cena do voo de Ícaro retratado por Ovídio:

E já à sua esquerda ficava

Samos de Juno (para trás haviam deixado Delos e Paros),

e, à sua direita, Lebinto, tal como Calimne, rica em mel,

quando o rapaz começa a achar gozo no audacioso voo

e se afasta do guia. Arrastado pelo seu fascínio pelo céu,

rumou para as alturas. Ora, a vizinhança do sol voraz

amolece as odoríferas ceras que colavam as penas:

a cera derrete-se. Bem lá agita o rapaz os braços nus,

mas, sem asas para bater, não logra apanhar ar algum.

E a boca que gritava o nome do pai é acolhida pelas águas

azul-esverdeadas, que dele obtiveram o seu nome (OVÍDIO, *Metamorfoses*, vv- 220-230).

Podemos afirmar que a conduta de Ícaro é marcada por um descomedimento, ou aquilo que os gregos chamaram de *hybris*, uma vez que o personagem é movido por uma prepotência excessiva, indo além dos limites que lhe são atribuídos. Nicola Abbagnano (2007), nos diz em seu *Dicionário de Filosofia* que,

com este termo, intraduzível para as línguas modernas, os gregos entenderam qualquer violação da norma da medida, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com a divindade e com a ordem das coisas (ABBAGNANO, 2007, p.520).

Numa tentativa próxima do ideal, pode-se traduzir *hybris*, nos termos da atualidade, como um conceito que corresponde à noção de impetuosidade ou soberba. Ambas as palavras se referem à essência do conceito que os gregos entendiam como um ato de desmedida do personagem na narrativa mitológica.

Dessa maneira, a concepção de *hybris* leva-nos à noção do herói trágico enquanto um infrator das leis divinas, dado que este, busca atingir um patamar performativo que pertence apenas àqueles que são dotados de uma natureza divina, ou seja, aos deuses e semideuses. Quando Ícaro deslumbra o céu e decide partir rumo às alturas, deixando para trás o conselho prudente de seu pai, há uma apropriação da *hybris* a qual leva o personagem ovidiano a um estado moral que se compatibiliza com o que conhecemos por alguém “cheio de si”. Nessas condições, o personagem trágico tende a adotar uma postura desprovida de qualquer prudência ou bom senso. Assim, Ícaro, sendo um mero ser humano, vê-se num dado instante em que pode agir como uma criatura divina, sendo tomado por um sentimento excessivo de vaidade, encarregando-o de apoderar-se de uma façanha que concerne apenas aos entes sobrenaturais, isto é, voar.

No *Dicionário de símbolos*, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2001) afirmam que “as asas exprimirão geralmente uma elevação ao sublime, um impulso para transcender a condição humana. Constituem o atributo mais característico do ser divinizado e de seu acesso às regiões uranianas” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001, p. 90). Desse modo, podemos afirmar que as asas são um símbolo de transcendência por excelência, representando um tipo de ato ascensional que pertence apenas aos entes divinos, a exemplo da figura universal dos anjos, os quais estão sempre caracterizados com asas e são universalmente associadas a figura de Deus e ao universo celestial. Além disso, as asas também podem ser concebidas como um símbolo de poder, uma vez que elas permitem fazer o que seres humanos comuns não conseguem, é por essa razão que “em todas as tradições, as asas jamais são recebidas, mas, sim, conquistadas mediante uma educação iniciática e purificadora por vezes longa e arriscada” (*Ibidem*).

Isto posto, podemos inferir que o par de asas fabricados por Dédalo insuflaram em Ícaro uma sensação de poder, como um sentimento de pertencimento à esfera divina, uma vez que o voo representa a elevação, a ascendência e o transcender da condição humana, o que faz com que o personagem ovidiano zarpe em direção ao céu, livre de qualquer constrangimento, o que configura a sua *hamartia*. Para Brandão (1986),

se, na verdade, as asas são o símbolo do deslocamento, da libertação, da desmaterialização, é preciso ter em mente que asas não se colocam apenas, mas se adquirem ao preço de longa e não raro perigosa educação iniciática e catártica. O erro grave de Ícaro foi a ultrapassagem, sem o necessário *gnôthi s'autón*, o indispensável conhece-te a ti mesmo. (BRANDÃO, 1986, p. 65)

Dessa maneira, *hybris* é, em todos os tempos, uma ação negativa, causada pelo excesso de quem a comete. Isso acontece em razão da soberba advinda da desmedida produzir uma cegueira que conduz o homem à violação do *métron*, isto é, da justa medida. Há, no sujeito trágico, uma obscuridade dos sentidos, uma inaptidão ao autocontrole, fazendo com que este, realize aquilo deseja independentemente da afronta que aparenta a sua conduta. O ato desmoderado, conseqüentemente, gera uma punição (*nêmesis*), esse ato de intervenção é realizado com a derrocada do herói. Observamos isso no ato em que Ícaro, ao se aproximar demasiado do céu, é sucumbido pelo sol, cujo calor derrete as ceras que colavam as penas de suas asas. A representação do sol, aqui, tem um papel fundamental, sendo o instrumento penalizador do ato transgressivo de Ícaro. Simbolicamente, o sol é visto como uma revelação do divino. Chevalier & Gheerbrant (2001) alegam que

o simbolismo do Sol é tão diversificado quanto é rica de contradições a realidade solar. Se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade (epifania uraniana). Pode ser concebido como o filho do Deus supremo e irmão do arco-íris. [...] O Sol é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes – ou espirituais – recebidas pela Terra. [...] Sob outro aspecto, é verdade, o Sol é também destruidor, o princípio da seca, à qual se opõe a chuva fecundadora (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 836).

Considerando o que foi mencionado, compreendemos que o sol se expressa no mito como a representação de um ser superior, assim, Ícaro é movido pela busca de um patamar que é de domínio apenas dos entes divinos. O sol, da mesma maneira, representa a fonte da luz e da vida, também é percebido sob o seu potencial destrutivo, o que salienta a consciência de um limite estabelecido pela própria natureza do ente natural. É por essa razão que Dédalo, o qual personifica a justa medida, tem a boa percepção dos limites, instruindo Ícaro a fazer um voo equilibrado para que evite uma ascensão que resulte numa queda mortal. Assim, Dédalo alerta ao filho sobre o perigo de permitir que seu desejo desmedido de escapar das áreas restritas (labirinto) o levasse a acreditar que poderia alcançar a região elevada apenas com um meio artificial (asas de cera), o que seria insuficiente.

A queda de Ícaro advinda de sua desmedida nos leva à figura da deusa Nêmesis, como já aludimos anteriormente. Na mitologia, Nêmesis é a personificação da indignação com a desmesura e os excessos. Ela é a deusa da vingança que pune os que excedem seus limites ou se consideram acima das leis divinas. Ela é especialmente avessa a qualquer tipo de arrogância, orgulho ou vaidade excessiva, e tem como objetivo equilibrar as ações humanas e divinas para garantir que tudo esteja em harmonia. No mito em questão, entendemos que o voo descomedido de Ícaro configura a sua *hybris*, e a queda do céu, será, portanto, a punição da Nêmesis.

Dessa maneira, é necessária que haja a punição do herói trágico para que seu crime seja purgado e a ordem natural das coisas seja reestabelecida. O processo de purificação e restauração de uma ordem que foi perdida é central para a resolução dos enredos trágicos, pois envolve o retorno a um equilíbrio que anteriormente havia se perdido.

O efeito do voo precipitado de Ícaro, assim, leva-o a subjugação da sua *moira*, a qual é retratada com uma queda sobre o mar. Na mitologia grega o conceito de *moira* sempre está relacionado ao destino, conferindo a cada um aquilo que lhe é justo e merecido. No caso do herói trágico, esse destino é desditoso uma vez que suas ações são um reflexo da *hybris*, o que conseqüentemente leva o personagem ao declínio. De acordo com Chevalier & Gheerbrant (2001, p. 592): “o mar simboliza a dinâmica da vida, tudo sai do mar e tudo retorna a ele”, assim, o mar representa a vida e a morte. Desse modo, Ícaro é lançado a um fado infausto, sendo tomado pelas profundezas das águas depois de ser sucumbido pelo divino (sol).

Considerando todas as etapas de avaliação simbólica que realizamos do mito, percebemos que a

premissa do enredo trágico é embasada sob uma sequenciação de três conceitos: *hybris* → *nêmesis* → *moira*, sendo o erro cometido, a punição pelo erro e o destino final e trágico do herói. O enredo é construído de uma forma que, devido à *hamartia* do herói, este experimente uma mudança drástica de dita para a desdita.

Para Paul Diel (1991) a trama contida nos mitos é o reflexo da realidade dos fenômenos psíquicos, em outras palavras, os mitos oferecem uma linguagem simbólica para entendermos as questões mais profundas da existência humana, como a vida, a morte, o destino, questões da realidade que muitas vezes parecem ocultas ao conhecimento humano. Com base nisso, autor busca esmiuçar nos personagens mitológicos representações das ações da psique humana, dado que há no mito uma mensagem inconsciente a respeito da realidade, assim como há uma representação que aponta para o funcionamento evolutivo e involutivo da *psique* (alma) retratado nos mitos.

Fazendo uma análise exegética da queda de Ícaro no capítulo intitulado *O combate contra a exaltação*, em sua obra *O simbolismo na mitologia grega*, Diel (1991) retrata na figura do filho de Dédalo o destino daquele que é tomado pela *nervosidade* [2] (exaltação doentia). Segundo a análise detalhadamente simbólica, Ícaro é a representação do intelecto cego pela vaidade. O labirinto, no mito, representa a região fechada, o inconsciente psíquico, e o sol, como dito anteriormente, é visto sob um prisma sobrenatural, divino, e de acordo com o autor, a figura solar tem o simbolismo do espírito, da espiritualização. Acontece que Ícaro acredita que com suas meras asas de cera, que segundo Diel (1991) simbolizam o intelecto, alcançará as regiões sublimes e escapará da região fechada (labirinto), o que será, de forma consequente, uma ação insuficiente. Do contrário, só se alcança a região sublime (a espiritualização) com asas verdadeiras, presas ao corpo de uma maneira natural, simbolizando uma força pela ascensão e transcendência sadia de quem tem uma estrutura psíquica organizada. Conforme o autor,

o voo em direção ao sol simboliza a espiritualização; porém, o intelecto, com a ajuda de asas de cera só pode significar a forma insensata da espiritualização: a exaltação vaidosa. Fiando-se vaidosamente em suas asas, que não passam de um artifício, o intelecto, tornando-se imaginação perversa, não mais escuta qualquer conselho prudente, não conhece mais limite: quer ser o espírito, propõe-se a alcançar o sol. Este é o estado final e decisivo da revolta do intelecto contra o espírito. Mas o impulso exaltado, a imaginação perversa, a vaidade, as asas de cera, não oferecem real sustentação: quanto mais perto se aproxima do sol, vale dizer, da vida do espírito, tanto mais o traem suas asas artificiais. O castigo é infligido pelo próprio espírito: o sol derrete as asas artificiais. Ícaro é fulminado e cai no mar (DIEL, 1991, p.108)

Ícaro é a representação eminente da desmedida e do destino daqueles que são inebriados pela vaidade, tornando-se o símbolo do intelecto que se tornou insensato. Existe, no mito, uma imaginação ascensional desenfreada no concerne ao espírito, o comportamento desmoderado e irresponsável de Ícaro, assim, é um exemplo da loucura da grandiosidade, da megalomania humana, que, desprovida de qualquer moderação acaba se sucumbindo na tentativa de alcançar um estado de elevação espiritual apenas com base em seu intelecto excessivamente inflado, enquanto negligencia o entendimento da justa medida das coisas.

Por outro lado, enquanto Ícaro é a representação do voo imoderado e imprudente, sem limites ou desmedido, como já vimos precedentemente. O seu pai, Dédalo, voou com um propósito definido e uma abordagem racional e prática. Entendemos que isso acontece em virtude de Dédalo entender o ideal de justo meio, proveniente de quem entendeu que há no *kosmos* um equilíbrio a ser respeitado, é por efeito desse ideal que Dédalo instrui Ícaro a encontrar o centro no voo, não indo baixo demais para que não se aproxime tanto do mar, e, sobretudo, evitando uma ascensão desmedida pelos céus.

Assim, à medida em que Ícaro é a representação da *hybris* (desmedida), Dédalo é aquele que representa o *métron* (justa medida), conceito este o qual retrata a virtude da prudência, da moderação de si, que consiste em afastar-se do mal e evitar os impulsos desenfreados, respeitando, assim, a ordem da realidade. Esse comportamento é, portanto, retratado quando observamos a figura de Dédalo fazendo o voo apropriado, tendo a exata ideia dos limites que a realidade reivindica.

A figura de Dédalo também deve ser percebida sob a ótica da sua representação na mitologia de forma geral. Segundo Brandão (1986, p. 64), “Dédalo é a engenhosidade, o talento, a sutileza”. Nas *Metamorfoses*, Dédalo é retratado como um personagem criativo, habilidoso, inovador, sendo um ousado desafiador das leis da natureza, buscando enfrentar os limites da tecnologia. Afirmamos isso com base na extensa lista de invenções e

construções arrojadas produzidas por Dédalo segundo nos conta a mitologia grega, poderíamos citar, a título de exemplo, a novilha de bronze feita a pedido de Pasífae para copular com o touro, seguidamente do labirinto que prendeu o Minotauro, até mesmo a própria construção das asas artificiais é um belo exemplo, assim como, não precisando necessariamente inventar, mas aconselhar, como dizem algumas versões, que foi Dédalo quem recomendou Ariadne a dar a Teseu um novelo de fio para que este pudesse encontrar o caminho de volta do labirinto.

Enxergamos Dédalo como um representante *dométron* no mito, no entanto, sob uma perspectiva alternativa, o inventor também pode ser observado por uma extensão da desmedida em alguns casos. Brandão (1986), concordando com Diel (1991), diz que Dédalo é movido por uma imaginação exaltada que o leva a ser prisioneiro de sua própria criação. Vemos na obra Ovidiana que todos os projetos construtivos de Dédalo retornam a ele sob a forma de punição, como acontece com a sua prisão no labirinto depois de ter feito a novilha de bronze de Pasífae e a queda mortal de seu filho Ícaro com as asas que o próprio artífice construiu para fugir do labirinto. Contudo, os delitos que levam Dédalo a ser penalizado não são necessariamente seus, acontece que seu talento engenhoso é corrompido pelas aspirações descomedidas de outrem, seu dom criativo, de outro modo, se torna cativo à paixão alheia.

Dessa forma, podemos observar as figuras de Dédalo e Ícaro enquanto representações arquetípicas, ou seja, os personagens ovidianos simbolizam comportamentos e experiências universais que estão intrinsecamente alinhados com a natureza humana. Assim, a teia que compõe a trama do trágico, em sua forma e conteúdo, apontam para a condição do homem no mundo.

Percebemos Ícaro como a representação do herói corroído pelo trágico, sendo um reflexo daqueles que não aceitam os ditames dos limites impostos pela realidade, o que consequentemente gera o declínio de si. Já Dédalo é a inteligência humana, é a engenhosidade e criatividade, se tornando no mito um símbolo daquele que se serve do *métron* quando decide voar, o que faz com que este chegue ao destino de forma ileisa de maneira oposta ao que acontece com Ícaro.

Portanto, o gênero trágico retrata o conflito entre o indivíduo e a força cósmica que governa a vida humana, pontuando o destino daqueles que são movidos pela *hybris*, em outros termos, pela atitude desmoderada e vaidosa. Ao fazer isso, o enredo trágico convida aquele que o percebe a uma reflexão sobre questões universais relacionadas à condição humana, como seus limites e finitude inevitável. De outro modo, o trágico busca transmitir uma compreensão sobre os sentidos aparentemente absurdos que governam as atividades humanas assim como os efeitos produzidos por estas, gerando aquilo que Aristóteles (2008) denomina de temor (*phobos*) e compaixão (*eleos*), levando o homem a *katharsis*, isto é, a purificação de si.

Considerações Finais

As narrativas mitológicas não são meras histórias fictícias, mas são, acima disso, narrativas carregadas de significado. Cada elemento do mito: personagens, lugares, ações, representa algo além de sua aparência literal. Eles funcionam como símbolos que comunicam ideias e ensinamentos profundos capazes de levar o indivíduo a se autoeducar. Isso significa que cada componente dentro do mito carrega um significado que vai além de sua interpretação patente. Os personagens, por exemplo, podem ser representações simbólicas de arquétipos ou características humanas universais. Em essência, o mito é impregnado de um simbolismo com o propósito de comunicar sentido.

No enredo trágico, assim, o personagem é um ser complexo, ambivalente, o qual apresenta características por vezes contraditórias. Ele é capaz de tomar suas próprias decisões, mas ao mesmo tempo é influenciado pelas circunstâncias e pelo destino. Este pode ser percebido enquanto uma criatura dominante ou impotente. É aquele que quer dominar o mundo, mas não domina a si mesmo; as suas ações são frequentemente um composto de qualidades positivas e negativas. Em suma, o personagem trágico é uma figura enigmática que reflete a complexidade da natureza humana e as muitas contradições que existem dentro de cada indivíduo.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2007. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes.

ARMSTRONG, K. **Breve História do Mito**. São Paulo, Cia das Letras, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, Vol. 1. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1986.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica: ensaio sobre o homem**. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977. Tradução Vicente Felix de Queiroz.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain 2001. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio.

DIEL, Paul. **O Simbolismo na mitologia grega**. Tradução Roberto Cacuro e Marcos Martinho dos Santos. São Paulo: Attar, 1991.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. 1º ed. Lisboa: Minerva, 1979. JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. – 6ª Ed. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 2013.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978. 419 p. (Logoteca).

[2] O desvio do impulso evolutivo é retratado sob dois aspectos, através *danervosidade*, a qual representa a exaltação doentia do espírito, e a *banalização* que seria a dispersão dessa exaltação doentia para outros desejos.

PALAVRAS-CHAVE: mito trágico; simbólico-educativo; Metamorfoses; Ovídio